

COLUNA

## Carnaval 2025

# A CHAVE DO CATIVEIRO É EXU TRUNQUEIRO, VIRADOURO É CATIMBÓ!

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva<sup>1</sup>

A Unidos do Viradouro definiu o samba-enredo que apresentará no Carnaval de 2025. A composição escolhida é assinada por Paulo César Feital, Inácio Rios, Marcio Andre Filho, Vitor Lajas, Vaguinho, Chanel e Igor Federal. A escola, atual campeã do Grupo Especial, levará para a Marquês de Sapucaí o enredo “Malunguinho: O Mensageiro de Três Mundos”, sob a criação do carnavalesco Tarcísio Zanon. O desfile da Viradouro está marcado para o domingo, 2 de março de 2025, na primeira noite dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Neste texto, queremos apresentar ao leitor quem é Malunguinho e qual é a potência que ele pode trazer para a escola de Niterói, que está em busca de mais um título para seu pavilhão. Podemos iniciar nossa conversa dizendo que entre os troncos retorcidos da Jurema Sagrada e o batuque dos terreiros, há um nome que ressoa como vento forte: Malunguinho. Para uns, um líder quilombola destemido que desafiou o sistema escravista. Para outros, uma entidade espiritual que abre caminhos e protege os que ousam caminhar. Seja como for, seu nome atravessa o tempo, cercado por mistério, fé e resistência.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (UFRRJ); Mestrando em Artes (UERJ); Doutorando em Educação (UFRRJ); Professor Auxiliar (UERJ).

A história de Malunguinho remonta ao Quilombo do Catucá, em Pernambuco, onde ele liderou um dos mais importantes focos de resistência negra no período colonial. Sua figura se confunde com a dos malungos — como os africanos escravizados chamavam seus companheiros de luta. Mas sua força ultrapassou os limites da história oficial, transformando-se em culto, em guia espiritual, em símbolo de liberdade. Na tradição da Jurema Sagrada, religião de matriz afro-indígena fortemente enraizada no Nordeste, Malunguinho se torna mais do que um guerreiro de carne e osso: ele é um encantado, um espírito poderoso que habita o limiar entre os mundos. Para muitos, sua força está associada a Exu, o grande mensageiro e guardião das encruzilhadas, aquele que domina os caminhos e traz equilíbrio entre o visível e o invisível. Mas Malunguinho não é apenas Exu: ele carrega também a herança dos caboclos guerreiros, evocando a conexão com a terra, com os encantados da floresta, com a ancestralidade indígena e africana que moldou o Brasil.

Cultuado em terreiros de Jurema, seu axé é pedido por aqueles que precisam de proteção, justiça e abertura de caminhos. Ele é o espírito do rebelde, do que não se curva, do que luta até o fim — seja com armas, seja com a força invisível dos encantados. Seu culto, reprimido durante séculos, sobreviveu à perseguição e hoje se fortalece como um dos mais potentes exemplos da fusão entre resistência e espiritualidade. E o que é a Jurema? E Por que Malunguinho a habita e nela é cultuado? No coração do Nordeste brasileiro, em meio a matas fechadas e campos abertos, cresceu uma árvore envolta em segredos: a Jurema. Seu tronco retorcido e suas folhas discretas podiam não chamar atenção à primeira vista, mas para quem conhecia seus mistérios, ela era e é muito mais do que uma planta – é um portal.

A Jurema (*Mimosa tenuiflora*) tem propriedades psicoativas e é utilizada há séculos por povos indígenas e afrodescendentes em rituais de cura e conexão espiritual. É a base da Jurema Sagrada, tradição religiosa que mistura influências indígenas, africanas e do catolicismo popular, formando um dos sistemas espirituais mais interessantes do Brasil. Dentro dessa tradição, a Jurema é ao mesmo tempo uma árvore física e um mundo invisível onde habitam os Encantados – espíritos que guiam,

protegem e ensinam os iniciados nos segredos da mata. Os cultos da Jurema Sagrada se organizam em torno dos mestres juremeiros, guardiões dos segredos dessa tradição. Suas cerimônias incluem cânticos, oferendas e o consumo da bebida extraída da casca da Jurema, usada para estabelecer contato com os Encantados. Diferente das religiões afro-brasileiras como o Candomblé e a Umbanda, onde os orixás e guias incorporam nos médiuns, na Jurema Sagrada os Encantados se manifestam de forma mais sutil, por meio de visões e orientações espirituais. Entre os principais Encantados da Jurema, Malunguinho se destaca como uma das figuras mais respeitadas.

Por séculos, os rituais da Jurema foram demonizados e perseguidos, especialmente durante o período colonial e o início da República, quando as autoridades reprimiam qualquer forma de espiritualidade de matriz africana ou indígena. No entanto, a Jurema resistiu, assim como seus mestres e seguidores, que continuaram transmitindo seus conhecimentos de geração em geração. Hoje, a tradição da Jurema Sagrada vive e se fortalece, sendo praticada em diversas partes do Brasil, especialmente no Nordeste. Seu poder vai além dos ritos religiosos: é um símbolo de resistência cultural, de memória ancestral e de espiritualidade profundamente ligada à terra e à luta dos povos marginalizados. Quando a Viradouro levar Exu Malunguinho para a Sapucaí em 2025, não estará apenas contando uma história, mas reverberando um chamado. A Jurema estará presente, com seus encantos e mistérios, lembrando a todos que a resistência e a espiritualidade caminham lado a lado no Brasil.

Qual será a cara que Malunguinho dará ao desfile da Viradouro em termos estéticos? Bem, Malunguinho é representado como um guerreiro e mensageiro dos mundos, portando símbolos como a lança, o chapéu de couro e a capa, elementos que remetem tanto à tradição nordestina quanto à ancestralidade africana. Sua estética dialoga com os cangaceiros, figuras de rebeldia e justiça popular, o que permite uma abordagem crítica sobre os conflitos sociais que persistem no Brasil, como a luta contra o racismo, a opressão estatal e a marginalização dos povos

tradicionais. O chapéu de couro e o vestuário típico da cultura nordestina evocam não apenas o cangaço, mas também a herança quilombola e indígena, conectando sua imagem à resistência dos que foram historicamente perseguidos.

Outro elemento visual essencial é sua relação com Exu. Em algumas representações, Malunguinho assume traços que remetem ao mensageiro das encruzilhadas, com cores vibrantes como o vermelho e o preto, adornos de ferro e um semblante desafiador. Essa fusão estética permite que o desfile trate de temas como a criminalização das religiões afro-brasileiras, um fenômeno que ainda persiste na sociedade contemporânea. A simbologia das encruzilhadas, associada a Exu e também a Malunguinho, pode ser explorada como uma metáfora para os dilemas do presente: os caminhos que o Brasil pode seguir diante dos desafios políticos e sociais.

Ao trazer Malunguinho para a Sapucaí, a Viradouro tem a chance de transformar sua estética em um grito de resistência. O desfile pode não apenas celebrar sua importância histórica e espiritual, mas também usá-lo como um espelho para os desafios atuais. Entre estandartes, adereços e alegorias, Malunguinho não será apenas uma imagem do passado, mas um chamado urgente para o presente. Para que o/a leitor/a possa ir aprendendo o samba da Viradouro de 2025, replicamos a seguir o seu conteúdo na íntegra:

*Acenda tudo que for de acender,  
Deixa a fumaça entrar,  
Sobô nirê mafá, sobô nirê,  
Evoco, desperto, nação coroada,  
Não temo inimigo,  
Calopo na estrada, a noite é abrigo,  
Transbordo a revolta dos mais oprimidos,  
Eu sou caboclo da mata do catucá,  
Eu sou pavor contra tirania,  
Das matas, o encantado,  
Cachimbo já foi facão amolado,  
Salve malungueiro, juremá.*

*Ê juremeiro, curandeiro oh!  
Vinho da erva sagrada, eu viro num gole só,  
Catiço sustenta o zeloso guardião,*

*Capangueiro da jurema,  
Não mexe comigo não.*

*Entre a vida e a morte, encantarias,  
Nas veredas da encruza, proteção,  
O estandarte da sorte é quem me guia,  
Alumia minha procissão,  
No parlamento das tramas,  
Para os quilombos modernos,  
A quem do mal se proclama,  
Levo do céu pro inferno,  
Toca o alujá ligeiro, tem coco de gira pra ser invocado,  
Kaô, consagrado,  
Reis malunguinho encarnado,  
Pernambucano, mensageiro, bravio.*

*O rei da mata que mata quem mata o Brasil.*

*A chave do cativeiro, virado no exu trunqueiro,  
Viradouro é catimbó, Viradouro é catimbó,  
Eu tenho corpo fechado, fechado tenho meu corpo,  
Porque nunca ando só.*